

Matança direta e matança em oblíquo

NORBERTO ABREU E SILVA NETO

Como explicar o grande número de suicídio entre os índios da reserva de Dourados?

Conforme noticiam os jornais, antropólogos e autoridades apontam algumas causas: a miséria, o confronto com o modo de vida dos brancos, o estado de depressão pelo confinamento na reserva e o alcoolismo. Como as causas indicadas não se mostraram suficientes para explicar uma condição existencial de desesperança em que a melhor saída bem poderia ser o auto-extermínio, buscam-se agora explicações psicológicas, ou seja, em nível individual. Será exatamente o caso? Os jornais reproduzem ainda a opinião do "capitão" Carlito de Oliveira, uma espécie de cacique que atua como porta-voz dos índios junto à Funai. Ele responsabiliza os "feiticeiros do mal" pelas mortes, mas declara-se impotente para resolver

o problema dizendo: "Nossos antepassados matavam ou mandavam embora os feiticeiros do mal. A lei dos brancos não prevê o feitiço, então não podemos fazer nada contra eles" (Folha de S.Paulo, 7/1/91, pág. A-4). Como entender as palavras do "capitão"?

Não será o feitiço a própria lei dos brancos, que ao confinar os guaranis impede definitivamente sua possibilidade de sair em busca da Terra sem Mal? Uma terra prometida na própria terra e que contudo não será um reino, mas, ao contrário, a abolição de toda forma de poder, como nos conta Hélène Clastres em seu brilhante ensaio sobre a religiosidade dos guaranis (Terra sem Mal, Brasiliense, 1978). Nesse livro, Clastres nos dá indicações de que se pode pensar o suicídio dos jovens guaranis como ato extremo de renúncia à vida social, tendo por fim último evitar conduzir-se confor-

me modos de vida dissemelhantes entre si, dissemelhança inerente a uma sociedade em que dois modelos culturais estão em conflito. Diz Clastres que o discurso profético das últimas gerações de guaranis, após as profundas mudanças que afetaram suas sociedades, está centrado na reflexão sobre a dissemelhança dos modos de vida e que tal reflexão dá conta da impossibilidade real de ascender à Terra sem Mal. Isto parece se confirmar pelo relatório da Funai entregue na semana passada ao ministro da Justiça.

Mas, bastaria essa visão de mundo para explicar o suicídio? Não precisaríamos ver também o que se passa no modo de vida dissemelhante ao dos guaranis para entender como eles passaram do extermínio pelo branco ao auto-extermínio?

Não vivemos hoje um cotidiano de matança direta e indireta? O

extermínio de menores, a morte através do uso de drogas, a morte em assaltos e seqüestros, os assassinatos nos conflitos dos sem-terra, a violência mortal nos estádios de futebol e nos shows de rock, a morte estúpida no tráfego da cidade e nas estradas, os mortos da guerra no show da televisão, o terrorismo disperso e multiplicado pelo planeta...

E o descaso com os internados em hospitais; o descaso do governo para com a qualidade da água que se bebe na cidade; o descaso generalizado para com a qualidade da alimentação; a poluição dos rios e do ar; a ensurdecadora poluição sonora; a matança da Amazônia; e agora a guerra ecológica. Tudo isso não produz doenças, pestes, epidemias? Não temos aí a matança em oblíquo?

Uma notícia polêmica discretamente publicada no Painel Eco-

nômico da Folha de S.Paulo (12/1/91, pág. B-2): "O presidente interino da Federação dos Bancários do Rio Grande do Sul, Paulo Trapp, diz que o número de suicídios no Banco do Brasil aumentou mais de 1.000% no ano passado. Segundo ele, a média mensal foi de quatro em 90. Em 89, foi de quatro o ano todo. A assessoria de imprensa do BB diz que o número de suicídios passou de quatro em 89 para cinco em 90."

Como pensar em suicídio quando a matança em nome do "ganho" imediato se faz norma? Como não concluir que necessitamos de um modo de pensamento e de vida transformados para resolver nossos problemas sociais e individuais?

Norberto Abreu e Silva Neto é chefe do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade do Instituto de Psicologia da USP.